

REPRESENTAÇÕES MASCULINAS SOBRE A PATERNIDADE EM UM MUNICÍPIO DO ESTADO DO MARANHÃO.

Denilson Marques Carvalho¹
Amanda Gomes Pereira²

Resumo: O presente artigo teve por objetivo desenvolver uma análise sobre a masculinidade na sociedade contemporânea e o papel das relações de gênero na construção da subjetividade dos homens, bem como seus efeitos nas ações e práticas performativas, contribuindo para a produção de discursos acerca de homens, inseridos em um dado contexto, de uma pequena cidade do estado do Maranhão. Nesse sentido, buscou-se refletir como eles se constituem, levando-se em consideração elementos sociais e estruturais que definem as suas vivências. Para tal, situou-se todo o processo de formação e construção desses homens, suas dinâmicas de socialização e valores compartilhados, a partir de uma pesquisa sobre o papel da paternidade na vida de homens, habitantes desse município, envolvendo faixas etárias diversas, com uma perspectiva interseccional. Além disso, teve por objetivo compreender as possíveis mudanças e transformações que os sujeitos do estudo apresentaram, bem como esclarecer questionamentos sobre a formação masculina na convivência social e pessoal, sem deixar de considerar valores e emoções que estão intercalados no ego do “macho”, sujeitando-o ao reconhecimento de maneiras de ser, agir e pensar dentro do contexto social patriarcal.

Palavras-chaves: Emoções. Masculinidade. Performance. Paternidade. Socioabilidades.

MALE REPRESENTATIONS ABOUT FATHERHOOD IN A MUNICIPALITY IN THE STATE OF MARANHÃO

Abstract: The article aims to develop an analysis of masculinity in the contemporary society and the role of gender relations in the construction of men's subjectivity, as well as their effects in actions and performative practices, thus contributing to the productions of speeches about men, inserted in a given context, in a small town from Maranhão State which are

¹ Licenciando em Ciências Sociais do curso de licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, no Centro de Ciências de São Bernardo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: denilson.marques@discente.ufma.br

² Doutora em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bacharel em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia pela UFJF. Atualmente, professora adjunta de Sociologia no curso de Ciências Humanas, *campus* São Bernardo, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Faz parte do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFMA (Mestrado Acadêmico), Imperatriz, como professora colaboradora. Coordenadora do curso de especialização em Cidadania, Inclusão e Diversidade da UFMA, *campus* São Bernardo. Coordenadora do Grupo de Estudos de Gênero e Educação Chita, Gitã. Pesquisadora integrante da Associação Brasileira de Antropologia desde 2016 e da Associação Portuguesa de Antropologia desde 2020. Faz parte da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais e do Observatório da Associação Brasileira de Ciências Sociais (On - Abecs), representante de Núcleo, Maranhão. Prestou consultoria para o escritório da Organização das Nações Unidas (ONU) em assentamentos urbanos na América Latina, ONUH abitat, de setembro de 2012 a março de 2013. Atuou como agente de suporte acadêmico do curso de Formação de Gestores Escolares (SEB/MEC 2009) e da especialização Gestão e Avaliação da Educação Pública, Ceará, ambos oferecidos pelo Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação Centro de Apoio a Educação a Distância, Fundação de Apoio (CAEd), e Desenvolvimento ao Ensino e Extensão. (FADEPE/UFJF), nos quais teve a oportunidade de orientar alunos de pós-graduação e participar das bancas avaliadoras dos trabalhos de conclusão de curso. Atuou como tutora a distância do curso Educação em Direitos Humanos (UFF/PROEX). E-mail: ag.pereira@ufma.br

constituted, taking into consideration social and structural elements that define their experiences. To this end, we seek to situate the entire process of formation and constructions of those men, their socialization dynamics and shared values, from a research about the role of fatherhood in men's lives, inhabitants from that município, involving different age groups from an intersectional perspective. In addition, there's the purpose to understand the possible changes and transformations that the subject of the study presents, as well as to clarify questions about male formation in social and personal coexistence, without neglecting to consider values and emotions which are interspersed in the male ego, subjecting it to the recognition of the ways the men are, act and think within the patriarchal social context.

Keywords: Emotions. Masculinities. Performance. Fatherhood. "Socio-abilities."

1 INTRODUÇÃO

Para uma compreensão sobre as práticas e os comportamentos masculinos é necessária uma reflexão estrutural sobre as relações que condicionam socialmente as representações acerca da masculinidade hegemônica² e como se define, histórica e culturalmente, esse conceito na sociedade. Assim, a masculinidade hegemônica é designada como uma reprodução, que é incorporada pelo gênero por meio de relações de dominação, nas quais o homem é caracterizado por um prisma tradicional patriarcal.

A sociedade brasileira é marcada pelo sistema patriarcal, que pressupõe a existência de um chefe da família, entendido como aquele que tradicionalmente deve ser visto como forte por ser homem e merecedor de respeito, obediência ou veneração, sendo o mesmo que chefia e coordena as suas limitações e as pessoas que o cercam. No entanto, a sociedade atualmente descreve esse sistema como baseado em uma hierarquia de gênero, em referência a uma dominação masculina² na qual as mulheres são subordinadas em diversos espaços sociais e em diversos sentidos.

Desse modo, os homens são representados e apresentados seguindo estereótipos configurados a partir de contextos historiográficos e sociológicos, constituídos ao longo dos anos, e estabelecem uma reprodução com esses estereótipos. Eles estão inseridos em um contexto em que reproduzem determinados papéis na sociedade, a exemplo do que trouxe a antropóloga Margaret Mead (1901-1978) em seus estudos ao fazer uma análise cultural de comunidades tribais, como as dos Arapesh, Mundugumor e Tchambuli. Mead (2022) ressalta as personalidades e os comportamentos dos indivíduos dessas comunidades e nos faz refletir sobre o quanto somos levados a seguir um padrão sociocultural, não sendo definido

² Segundo Sergio Gomes da Silva (2006), o gênero incorpora uma reprodução legitimadora do patriarcado garantindo a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres.

exclusivamente pelo gênero, mas sim pelo poder cultural e que, por isso, podem ser remodelado em inúmeras facetas. Por outro lado, os acessos aos espaços de poder para homens, brancos, cisgêneros fazem com que eles assumam cargos de liderança em distintos contextos ao redor do mundo.

Este trabalho consiste em uma pesquisa a partir de entrevistas semiestruturadas, cujo intuito foi compreender as pressões que recaem sobre os homens da periferia da cidade de Magalhães de Almeida, um município do Nordeste brasileiro que fica no estado do Maranhão (MA) e está localizado na Mesorregião do Leste Maranhense e na Microrregião do Baixo Parnaíba Maranhense³. Esse município apresenta consideráveis problemas de mobilidade social, baixo desenvolvimento econômico, atividade predominantemente rural e de pesca e, em se tratando das políticas públicas desenvolvidas sem nível municipal por parte dos gestores, não se observa alguma que contemple trabalhos voltados para a igualdade de gênero, já que os valores tradicionais compartilhados pelos habitantes da referida cidade apresentam-se como predominantemente relacionados ao sistema patriarcal, com discursos e narrativas que moldam as *performances* e vivências dos homens, levando-os à reprodução de práticas e comportamentos que se vinculam à lógica da masculinidade hegemônica.

A hipótese inicial deste trabalho é que, na periferia desse município, os homens reproduzem mais os valores tradicionais, devido até mesmo ao pouco contato com debates que ocorrem nas redes sociais, já que muitos não têm acesso a essas redes, e também devido ao fato de que os que já migraram e retornaram nem sempre mudaram de valores com o processo de migração, uma vez que o deslocamento esteve muito atrelado ao trabalho em garimpos e trabalhos na agroindústria, locais com uma grande presença masculina.

Analisar os comportamentos dos sujeitos relacionados à paternidade, a perspectiva do que seria um bom pai – no caso, se seria apenas o pai “provedor” financeiro ou o pai na atualidade, que teria inúmeras funções, bem como as reflexões acerca da construção social desse homem. Objetivando uma análise sobre os pressupostos que fundamentam tal construção e como se relacionam os gêneros em dinâmicas de poder, em um determinado contexto de uma cidade de interior do Maranhão.

As formas e os “papéis” relacionados à definição de masculinidade são caracterizados a partir de concepções do senso comum, isto é, sem uma análise aprofundada desses comportamentos e das relações sociais que atravessam esses comportamentos, constituindo a

³ Informações retiradas do *site*: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-magalhaes-de-almeida.html> Cidade Brasil. Acesso em: 7 maio 2020.

sociedade na qual os indivíduos estão inseridos— tanto com relação às suas esposas quanto às suas crianças.

O nosso objetivo direciona-se a uma questão que vem se delineando no espaço histórico e social, ao pensar a paternidade e as relações com as representações desse exercício de cuidado das crianças acerca dos papéis sociais masculinos em nossa sociedade contemporânea. Por conseguinte, desperta-se para uma percepção arraigada que vem a ser caracterizada fortemente nos olhares de conhecimentos superficiais e baseados em experiências cotidianas sobre o universo masculino e definições sobre o que significa ser homem na sociedade brasileira. Compreender e analisar masculinidade não veio de balde, mas é parte de uma experiência pessoal enquanto homem, heterossexual, pardo - porém reproduzindo valores de homens brancos durante anos—, cisgênero e morador da cidade de Magalhães de Almeida.

2 A MASCULINIDADE: O “CABRA MACHO”

Pensar a masculinidade, definida sob o ponto de vista do senso comum, entra em conflito com as análises e as concepções que advêm de estudos mais aprofundados, embasados em pesquisas científicas e sociais. O senso comum, que persiste sobre conhecimento das sociabilidades masculinidades, adere às práticas e subjetividades ao se atrelar com suposições e perspectivas de definição.

A formação da identidade masculina que poderíamos chamar de ‘tradicional’ é curiosamente construída, em grande medida, a partir de negações, e não de afirmações. Desde menino, o homem aprende o que não deve ser, em detrimento do que deve ser. A definição da masculinidade como ‘tudo o que não é feminino’ é bastante verdadeira. Assim, ‘homem que é homem’ não chora, não expressa seus sentimentos (e sequer aprende a nomeá-los), não é fraco, não gosta de coisas femininas, não é homossexual e tantos outros inumeráveis exemplos dessa negação. Essa é uma característica interessante, se pensarmos na dificuldade na mudança de padrões de comportamento que muitos homens contemporâneos apresentam quando buscam sair do ideal ‘machão’. Ao moldarem suas identidades pela identificação com o que não são, de fato se perdem ao compreenderem o que são (BERALDO; TRINDADE, 2016,p. 62).

Beraldo e Trindade (2016), dizem que a identidade do homem tradicional é formada por princípios culturais anteriores, por negações, nas quais os sentimentos masculinos são julgados e negados. Do ponto de vista dos mais experientes, em referência aos idosos, ser homem requer ser forte e bruto, tem de ser “macho”, sustentar a mulher e receber como

contrapartida dela respeito e favores sexuais, assim como o respeito das crianças, podendo, em alguns casos, valer-se de castigos físicos e corporais – as famosas “surras”. As atuações partem de uma reprodução tradicional, que separa os homens de uma complexidade de experiências, principalmente afetivas e emocionais.

A sociedade de costumes antigos descreve a masculinidade com características convincentes e inerentes aos conjuntos de formas de pensamentos que partem de agenciamentos tradicionais. “Homem não chora” faz parte de um rol de pensamentos e frases que, emitidos por alguns homens, diante de toda essa eventualidade, influenciam na personalidade e vêm a impactar fortemente sua subjetividade. Todo o processo de formação que o indivíduo passa, até a fase adulta, advém desses costumes que refletem sobre as atitudes dos homens.

Ainda que nos desliguemos da visão naturalista dos gêneros em função da construção social, longe do determinismo biológico, o feminino e o masculino encontram-se enraizados pela cultura machista e patriarcal, marcada pela virilidade sexual. O modelo tradicional masculino requer do homem frieza, insensibilidade, altivez, opressão, poder, força, virilidade, enfim, o que representa superioridade física e intelectual. Desde cedo são educados, inclusive pelas mulheres, para se tornarem agressivos, competitivos, provedores e intolerantes com a manifestação de sentimentos e emoções. Há certo temor de serem rotulados como ‘fracos’, caso manifestem algum comportamento que lembre o campo emotivo feminino (SANTOS, 2010, p. 62).

Os atributos, comportamentos e papéis que são associados e perfilados desde a infância de meninos e meninas em seu nascimento, construídos socialmente, performados e se contrapondo ao biologicamente inerente. Os homens são socializados aderindo traços que são refletidos em seu desenvolvimento físico e psicológico. Esses fatores podem variar conforme o indivíduo se porta na sociedade.

*O silêncio dos homens*⁴ representa um traço marcante das interações sociais masculinas. Um conteúdo muito rico e informativo, com participação de professores e pais de famílias de diferentes etnias. Pensar masculinidade requer não apenas conhecer, mas também sentir e adentrar no contexto, reconhecer os emaranhados interligados à definição do que seja ser homem. Desde cedo é imposto que ser um sujeito homem não basta, sendo necessário seguir determinadas normas e comportamentos. Características são impostas pelas sociedades, sendo incorporadas às subjetividades. Para compreender a tamanha responsabilidade e a forte

⁴*O silêncio dos homens* é um filme que parte de um projeto que ouviu mais de 40 mil pessoas a respeito da masculinidade e, dando início a um documentário baseado nesses estudos, criou um livro com dados públicos com o convênio do Consórcio de Informações Sociais da Universidade de São Paulo (CIS/USP).

influência das definições de gênero, definindo masculinidade, por meio das palavras “masculinas” ou “másculas”, como o Google⁵, um dos meios informativos, até mesmo em dicionários, circulando em meios de comunicação, atrelando-se a processos de inculcação de estereótipos.

Na contextualização do conteúdo, fortalecendo reflexões acerca da masculinidade, o documentário *O silêncio dos homens* foi dirigido por Guilherme Nascimento Valadares (2019), que desenvolveu e lançou o trabalho após um ano de pesquisa, envolvendo 50 pessoas em seu trabalho. Em outras palavras o documentário fala sobre a necessidade de coragem para os homens superarem os obstáculos, saírem da zona de conforto e confrontarem as camadas que os impedem de se sentirem e viverem livres das correntes que os prendem nas *performances* postas pela sociedade. “Pra ser macho tem de ser forte e viril, tem de trabalhar, ser competidor”, “Homem mesmo tem que estar na roça, cuidar do gado, tem que ir pro arado”, “Homem sai pra trabalhar e traz o sustento da casa, enquanto a mulher fica cuidando da casa, lavando louça, cuidando dos filhos”. São essas e outras expressões que são criadas e impostas aos homens, obrigando-os a reproduzi-las.

Da mesma forma como alguns homens costumam se descrever hoje, ‘ser homem’ no século XIX significava ‘não ser mulher’, e sobre todas as hipóteses jamais ser homossexual. A identidade sexual e de gênero do homem vitoriano, estava intrinsecamente ligada à representação do seu papel na sociedade. Os traços que os descreviam, voltavam-se para a forma de se vestir, a forma de andar, a maneira de se comportar, a entonação de voz, etc., assim como também era ressaltado a forma física, a musculatura, os contornos do corpo masculino, a elegância, o vigor físico e a beleza, e por fim, as qualidades psicológicas do homem como a agilidade, a coragem, a distinção, a bravura, o heroísmo, conforme as descrições pontuadas por Gay (1995). A sociedade masculinista burguesa, dado essa premissa, construía, assim, a nova imagem de homem, e como consequência vieram as duras provas pelas quais o homem deveria enfrentar, como as lutas, como um dos componentes do comportamento masculino (SILVA, 2000, p. 10).

Os estereótipos para Silva (2000) de que “eu não choro”, “não preciso de ajuda”, que aparentemente são expressões de força, de potência, de coragem, na verdade são grandes expressões de covardia, de medo, de temor, de ser explícito e publicamente fraco e vulnerável. Quebrar o silêncio a respeito de sua própria fraqueza e vulnerabilidade é uma forma de humanizar-se. É ser uma pessoa rica e saudável, é crescer fortemente, é viver sem se preocupar com os pensamentos que os rodeiam a cada segundo. O que os homens escondem

⁵O *site* de buscas na rede mundial de computadores é uma empresa multinacional americana de serviços *on-line* e *software*.

por trás do silêncio? São perguntas pertinentes, complexas com percepções sobre o gênero, que necessitam de uma resposta concreta.

Vistos como animais, brutos, estupradores por natureza e assassinos, os homens negros não têm sua voz ouvida de verdade no que diz respeito à forma como são representados. Eles interferiram pouco no estereótipo. Como consequência, são vitimados por estigmatizações que foram articuladas no século XIX, mas que dominam a mente e o imaginário dos cidadãos desta nação até hoje. Raros são os homens negros que recusam tal categorização, pois o preço da visibilidade no mundo contemporâneo da supremacia branca é que a identidade masculina negra seja definida em relação ao estereótipo, seja incorporado - o, seja buscando outro. No centro do modo como a personalidade masculina negra é construída no patriarcado capitalista supremacista branco está à imagem do indomável, incivilizado, irracional e insensível (hooks, 2022, p. 33).

Os reflexos são mais fortes sobre a masculinidade negra, como afirma hooks (2022). No entanto, a masculinidade é cercada por representações, ligadas à vulnerabilidade, construídas em sociedade por relações de gênero e reproduzidas inconscientemente. Já parou para pensar: quais os fundamentos vinculados à definição do homem como forte e viril? Como se constitui a subjetividade masculina? Quais as características que influenciam suas *performances*? O problema da pesquisa é: qual o peso dos estereótipos de gênero atrelados à definição cotidiana de masculinidade para homens, jovens, moradores de Magalhães de Almeida/MA? A imagem estabelecida pela sociedade é reproduzida pelo indivíduo, consciente ou inconscientemente, proporcionando-lhe um poder e um posicionamento estereotipado no espaço social, tornando-o ignorante e grosseiro consigo mesmo, resultando consequentemente em um papel deturbado sobre esses agenciamentos.

Hoje os reflexos das ações humanas são nítidos. Por ter a imagem forte, o homem se sente capaz de combater o que obstrui e contradiz a sua vontade. Isso leva a hostilizar quem quer que seja, tornando-o agressivo, arrogante, grosso, imprevisível, violento, assumindo posturas que alicerçam seus privilégios e poderes sobre corpos de mulheres e demais seres humano e animais que ele considera subordinados à sua vontade. Existem situações recorrentes que o colocam como protagonista da violência doméstica, de feminicídios, de homicídios e de acidentes.

Os fatores que motivam o grito que evade o ego masculino podem desabrochar por falta de apoio, medo da exposição, mostrar a vulnerabilidade, ser visto como fraco e sensível, porque desde o início ele é visto e motivado a não chorar quando cair, escutando frases de seus pais e familiares como: quando a criança cai “foi só um pulo”, “engole o choro”, “homem não chora”, frases repetidas, geralmente, pelo pai ou responsável pela formação. Em

geral, principalmente em contextos interioranos, o menino é educado com o reflexo do pai e a menina com o da mãe. A fragilidade presente no perfil masculino é hostilizada de forma errônea pela sociedade, principalmente nas zonas rurais, onde a atividade braçal é a fonte de sustentação de uma família, sendo a percepção do homem sobre si uma representação quase que imutável.

A identidade de gênero e sexual são processos complexos, impostos ora por nossos pais e amigos, e cobrados direta ou indiretamente pela sociedade em que vivemos, conjurando a heterossexualidade como modelo normativo único e constitutivo das subjetividades da maioria dos homens (SILVA, 2006, p. 122).

Entretanto, não podemos esquecer que a identidade de gênero vem sendo desenvolvida processualmente durante o crescimento do indivíduo, a masculinidade. A concepção de Silva (2006) reflete o interior do Maranhão, em que o homem sofre alterações em seu comportamento devido às influências sociais, e os familiares participam intensamente. A identidade masculina é reconstruída sobre cobranças coercitivas impostas pelas relações sociais, dentro de todos os parâmetros da sociedade.

A complexidade da autonomia dos padrões de masculinidade é diversificada, tendo variáveis concepções e intervenções locais. Ou seja, o homem em seu crescimento, as induções são fortes em todos os setores da sociedade, na rua, na escola, na igreja e até mesmo dentro de casa, sofrendo influências diversas, atreladas às socializações. A pressão age de forma minuciosa, mas internamente agressiva, porém sua densidade depende do ponto de partida.

Por outro lado, entendemos identidade de gênero como o conjunto de traços construídos na esfera social e cultural por uma dada sociedade, que definem, em consequência, quais os gestos, os comportamentos, as atitudes, os modos de se vestir, falar e agir de forma semelhante para homens e mulheres. As identidades de gênero tendem a estar em consonância com o sexo biológico do sujeito, porém, não são estruturas fixas, encerradas em si mesmas; pelo contrário, podem e estão continuamente se renovando, em ebulição, e a cada momento podem ser novamente moldadas de outras formas. Elas também são impostas pelo processo de socialização, que impede construções singulares, moldando um 'comportamento' comum a todos os indivíduos (SILVA, 2006, p. 122).

Segundo Silva (2006), compreender a identidade de gênero requer um conhecimento mais analítico sobre os elementos culturais que perfazem as trajetórias de vida do indivíduo, pois diante de todos os fatores familiares que condicionam o seu seguimento, a impulsão dos traços culturais que buscam constituir a formação do homem advém de uma cultura social e

familiar. Todas as características desenvolvidas e apresentadas por um adulto foram sendo trabalhadas planejadamente sobre o desconhecimento e a falta do consentimento desse sujeito. Assim, reflete-se sobre o gênero feminino, a partir de seu poder de criação reprodutiva. Uma bagagem machista que impõe formas, proporções influenciadas, comportamentos, necessidades, deveres, papéis de acordo com estereótipos relacionados a uma narrativa biológica sobre o sexo, produzindo, assim, uma identidade forte na sociedade magalhense.

Mediante todo o processo, o peso social sobre o desenvolvimento cultural do homem é vigente e intenso, as esferas sociais reconfiguram ao seu favor, remodelando esses homens, levando-os a se adequar a uma sociedade limitada e preconceituosa. Os comportamentos e os aspectos masculinos são levados a seguir um padrão da sociedade, caso contrário o homem se torna excluído da sociedade.

Segundo a literatura masculinista, a definição do que era ser homem encerrava-se numa polaridade negativa (não poder chorar, não demonstrar seus sentimentos, não ser mulher ou homossexual, não amar as mulheres como as mulheres amam os homens, não ser um fraco, covarde, perdedor e passivo nas relações sexuais, etc.) e afirmativa (ser forte, corajoso, pai, heterossexual, macho, viril, provedor da família, dominador, destemido, determinado, autoconfiante, independente, agressivo, líder, etc.) na constituição dos traços e papéis sociais. As possibilidades descritivas encerravam-se também numa relação de ‘ter’ (força, dinheiro, músculos, um corpo definido, um pênis, um cromossomo Y, um lar, um filho homem, controle das emoções, emprego fixo e tantas mulheres quanto fosse possível durante sua vida sexual ativa) e ‘poder executar tarefas’, tais como ‘fazer um filho’, ‘manter relações sexuais com várias mulheres’, ‘sair de situações difíceis’, ‘servir à pátria’, ‘sustentar a família’, entre outros, ou seja, querendo ou não, os ideais tradicionais de masculinidade vão se reportar sempre ao dado anátomo-fisiológico, bem como aos aspectos psicológicos que hierarquicamente estabeleceram e mantiveram o domínio dos homens sobre as mulheres (SILVA, 2006, p. 125-126).

Essa perspectiva masculinista parte de um padrão binário de oposições entre homens e mulheres, em que as características masculinas se opõem às femininas quando é sabido que, na prática, mesmo em contextos interioranos, as atividades desempenhadas pelas mulheres não se diferenciam significativamente das dos homens. A elas também cabem funções que exigem o emprego da força e da resistência física na busca pela sobrevivência das famílias, como é caso de mulheres que se dedicam à plantação e à colheita de alimentos, bem como à criação de animais domésticos.

Estereótipos diversos são criados e inculcados no crescimento do homem, aflorando uma criação e socialização machista. Um sujeito que se torna solitário, bruto no convívio e no estabelecimento das relações sociais. O homem “macho” criado no interior do Maranhão deve

ser isento das fragilidades e sentimentos que o cercam, eliminando todas as características femininas. Nas relações sociais, a polaridade, assim destacada por Silva (2006), está constantemente presente no contexto masculino, no qual o sujeito se submete a um lado das características da masculinidade, sem conhecer o seu próprio caráter e privando-se de certas necessidades.

As exposições da masculinidade sobre o conhecimento comum exprimiram-se em uma percepção bruta, como uma pedra dura, pesada e resistente, mas esqueceram da beleza de pedra, da sua finalidade, que pode ser objeto de construção e também ser perfurada por uma bica d'água, ou seja, apesar dos estereótipos, homens também possuem vulnerabilidades.

Focar a masculinidade enquanto objeto de reflexão teórica, no campo historiográfico nacional, ainda significa uma perspectiva inovadora. A problematização do conceito de masculinidade e suas implicações sócio-históricas foi sistematicamente tangenciadas na medida em que se fixou a idéia da existência de uma única masculinidade hegemônica baseada na dominação e no poder inquestionável do 'patriarca'. Trata-se de uma lacuna historiográfica onde o conceito de masculinidade foi compreendido antes como uma consolidação ou uma permanência natural (o que Bourdieu chamaria de dóxa) do que uma construção de gênero passível de ser problematizada (BOTTON, 2007, p. 109).

Botton (2007) destaca a complexidade que a masculinidade tem o quanto os processos historiográficos e sociológicos da concepção das relações do homem, da sociedade e de seus semelhantes são cruciais para compreender aspectos estruturais que perfazem essas dinâmicas. A representação de seus "papéis" de gênero, no contexto social, não é favorável para seu reconhecimento, porém o estereótipo do padrão estabelecido pelo senso comum, baseado na ausência de conhecimento sobre o assunto em questão, reforça estigmas que recaem sobre os magalhenses que se negam a se enquadrar nesse sistema. O conhecimento dos aspectos e das vivências masculinas é limitado na sociedade como um todo.

São nítidas as perspectivas sobre o universo masculino, apresentando fundamentos críticos e extensos de seus elementos e particulares que advêm de pensamentos e questionamentos ocultos do homem em seu âmbito social. Os atritos das ações e reações que ponderam a instabilidade de um consenso de determinado grupo que, conseqüentemente, interferem no desenvolvimento humanas e em suas relações, primárias ou secundárias.

3 MAGALHÃES DE ALMEIDA/MA

A cidade de Magalhães de Almeida (Figuras 1, 2 e 3) está localizada na Mesorregião do Leste Maranhense e na Microrregião do Baixo Parnaíba Maranhense, por estar às margens do Rio Parnaíba (Figuras 3 e 4), apresentando uma área territorial de 434.433 km², com uma população estimada de 20.228 pessoas e densidade demográfica de 40.60 hab/km². Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas, a escolarização na faixa etária de 6 a 14 anos alcançou um percentual de 97,1%. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é de 0.567 (IBGE, 2021).

Figura 1–Rio Parnaíba na cidade de Magalhães de Almeida/MA



Fonte: Elaboração do autor (2022).

Figura 2 – Localização geográfica da cidade de Magalhães de Almeida/MA



Fonte: IBGE, Cidade e Estados (2022).

O município, conhecido como “princesinha do baixo Parnaíba”, passou por vários processos até o seu estado atual e há indícios de que foi fundado ao acaso. Há relatos por parte dos moradores de que um pescador conhecido por Barnabé Pereira Mascarenhas veio do povoado de Melancias/MA, que fica a 7 km da atual Magalhães de Almeida, atrás de refúgio, porque sua casa era constantemente alagada por conta das constantes enchentes que ocorriam na localidade onde morava. Barnabé passou a conviver nesse local pelo fato de ter encontrado um pequeno banco de areia onde passou um tempo para se proteger das águas. Denominou-o de “Furo”.

Figura 3 – Vista panorâmica da cidade de Magalhães de Almeida/MA



Fonte: WC drones/visuais (2022).

Anos mais tarde esse local passou a ser chamado de “Porto de Santo Antônio”, onde hoje está localizada a igreja padroeira da cidade, a Igreja Santo Antônio, e onde, no mês de janeiro, é comemorada os festejos de São Sebastião. No dia 1º de outubro de 1952 a cidade foi emancipada e oficialmente passou a ser chamada de “Magalhães de Almeida”, antes sendo distrito do município de São Bernardo, desde 1937. Hoje é uma cidade que vem crescendo gradativamente sobre aspectos históricos, políticos e culturais, que regem o desenvolvimento da população magalhense. Além de movimentos festivos, como o Arraial Nossa Gente no mês de julho, há os Festejos de São Sebastião no mês de janeiro, a Cavalgada (Figura 4) no mês de novembro etc.

Figura 4 – Cavalgada, na cidade de Magalhães de Almeida/MA, em 20 de novembro de 2022



Fonte:Instagram, Portal Romério Carvalho(2022).

Na imagem acima sobre o evento da Cavalgada é notável o quanto é forte a masculinidade no movimento, em que o vaqueiro ou o peão exerce o papel representativo do homem bruto, homens sobre cavalos, caracterizados uniformemente iguais, incorporados pelos nordestinos com gibão, peitoral de couro, perneiras e chapéus para proteger-se dos espinhos e da “quentura” do sol na região. Essa hegemonia está calcada no tradicionalismo cultural da masculinidade, o padrão cultural do ser, coletivo e/ou individual. Nela o “homem macho” deve se posicionar distante das sujeições sentimentais, das emoções, isentarem-se de comportamentos delicados.

4 “O MUNDO NÃO GIRA MAIS EM TORNO DO SEU EU E SIM DO PRÓXIMO, SEU FILHO”⁶:AS PERCEPÇÕES SOBRE PATERNIDADE NO INTERIOR DO MARANHÃO

Os homens estabelecem exigências dentro das suas relações, por exemplo, a paternidade, e suas atitudes no convívio mudam com o passar dos dias, dentro de casa, em locais públicos e/ou particulares, em rodas de amigos ou em família. A socialização masculina induz os homens a um temperamento forte que intervenha em sua capacidade de desenvolver-se emocionalmente, tornando-o mais agressivo e intolerante. Em contrapartida, somos as nossas relações, as nossas trajetórias, as nossas sociabilidades e estamos inseridos em

⁶ Fala do interlocutor Vigia A, durante entrevista concedida no dia 9 de agosto de 2023.

determinados processos históricos e sociais. O florescer da sensibilidade advém de um conhecimento das emoções e de um processo de educação voltado para a aquisição de uma inteligência emocional. O questionário⁷ foi aplicado dentro do contexto das relações de paternidade, na cidade de Magalhães de Almeida/MA, e seus povoados vizinhos como, por exemplo, Porto das Melancias e Bacuri, buscando ter uma visão maior sobre as concepções da relação do papel do pai na formação dos filhos e filhas e seu lugar dentro da família. Foram seis entrevistados: três da cidade, um do Porto das Melancias – que pertence a Melancias –, um de Melancias e um do Bacuri. Mesmo com o consentimento dos pais, todos foram caracterizados por suas profissões, evitando a exposição dos sujeitos da pesquisa, como mostra o quadro abaixo:

Quadro 1 – Informativo dos pais entrevistados

Nome	Idade	Ocupação	Escolaridade	Raça	Estado civil	Localidade
Vigia A	32 anos	Vigia	Nível superior	Pardo	Solteiro	Mag. de Almeida
Vigia B	36 anos	Vigia	Ensino médio incompleto	Pardo	Casado	Melancias, povoado de Mag. de Almeida
Motorista	42 anos	Motorista	Ensino médio completo	Pardo	Casado	Porto das Melancias
Professor	31 anos	Professor	Nível superior	Pardo	Casado	Bacuri povoado de Mag. de Almeida
Barbeiro	50 anos	Barbeiro	Nível médio	Pardo	Casado	Mag. de Almeida

Com relação ao papel do pai na educação dos filhos e filhas, os pais mantiveram o posicionamento de exemplo, dedicando-se para que seus filhos cresçam saudáveis e com caráter. O questionário foi composto por 27 perguntas sobre a paternidade, buscando mensurar aspectos relacionados à convivência e afinidade de pai e filho/filha, sendo as perguntas direcionadas aos pais, com o propósito de mostrar elementos que caracterizam perspectivas, percepções, *performances* e comportamentos masculinistas ou não.

⁷ O questionário esta em anexo no final do contexto.

O entrevistado Vigia A, mora em Magalhães de Almeida/MA. A entrevista foi realizada no dia 9 de agosto de 2023. Ele trabalha como vigia na cidade, tem ensino superior, mora com a única filha e com os pais, possui guarda compartilhada, tornou-se pai aos 21 anos e hoje sua filha tem 9 anos. Para ele:

Ser pai, quando planejado é bom e feliz, caso contrário, há uma preocupação com relação à situação, por ser pai sem planejamento. Contudo, ambas [planejado ou não] representa uma responsabilidade, um teste de paciência (Vigia A, dados do caderno de campo, entrevista realizada no dia 9 de agosto de 2023).

O entrevistado destacou que, em um primeiro momento, teve que se adequar à nova realidade, uma vez que era novo e o seu vínculo com a mãe de sua filha era recente. Segundo ele, quando a mãe da criança engravidou, eles já estavam separados, sem um vínculo de compromisso, não existindo o interesse em firmar casamento.

Ela [a mãe de sua filha] não reagiu bem, ficou temerosa com o resultado, pois não estávamos mais juntos. Foi constrangedor para nós, porque ela surgiu grávida após o término, houve suspeita [de que eu não seria o pai], dúvidas a respeito da gravidez, levou intrigas entre famílias, questões sociais, econômicas, personalidades e temperamentos das partes dificultaram no consenso (Vigia A, dados do caderno de campo, entrevista realizada no dia 9 de agosto de 2023).

Quando questionado sobre o desejo de ter filhos ou filhas, o Vigia A disse que não planejava, reconhecendo que tinha uma postura, um comportamento imaturo para sua idade: “[...] pensava que podia tudo e não pensava nas consequências”. No momento em que a mãe de sua filha engravidou: “A vida mudou de cabeça para baixo”, mudanças de planos, viagem, realizações, independência, abriu mão de tudo para estar perto, para cuidar. “O mundo não gira mais em torno do seu eu e sim do próximo, seu filho” (Vigia A, dados do caderno de campo, entrevista realizada no dia 9 de agosto de 2023).

Esse trecho da fala do Vigia A, mostra como a relação que ele estabelece com a sua filha se distancia das definições masculinistas (Silva, 2006) e de como as relações estabelecidas por homens, na sociedade contemporânea, vêm se modificando. O cuidado que ele demonstra pela sua filha, mantendo a guarda compartilhada, demonstra as mudanças relacionadas às diversas formas de exercício da paternidade, isso em um país de alto índice de abandono parental. (Centrone 2023), diz que “No país, 11 milhões de mulheres criam seus filhos sozinhas, e 90% delas são negras. Para cuidar das crianças, entram em uma jornada de desgaste, culpa e rejeição, enquanto é naturalizado que os homens abdicuem dessa responsabilidade a qualquer momento, por qualquer motivo. Por quê?”

Além disso, ao contrário do que acontece com relação à interação entre pai e filhos/filhas, o Vigia A destaca que a relação com a sua filha é maravilhosa, pois apesar da necessidade de ser “rígido” em alguns momentos – sendo esse o aprendizado que ele teve –, há cumplicidade e ele se considera amigo de sua filha, reconhecendo os limites e as condutas. A relação boa e agradável possui moral e respeito com “liberdade”. O Vigia A é característico de um novo homem, ele gosta de passear com sua filha levando-a na praça, no parque e o pai, perceptível e observador, diz que ela ama tomar sorvete. A educação estabelecida na criação de sua filha pondera que:

Conciliamento é uma ação contínua, para estabelecer uma conduta e disciplina, pois tudo tem uma consequência, cuidados com o corpo, decisões, a maneira de falar, educação, discernir o bom e o mau para ser uma adulta centrada (Vigia A, dados do caderno de campo, entrevista realizada no dia 9 de agosto de 2023).

É clara a conduta do Vigia A e a expectativa do crescimento de sua filha: “[...] uma mulher honesta seja uma cidadã, conhecedora de seus direitos, moral, conduta ética e que não seja alienada”. Não diverge a educação independentemente que seja menina ou menino, todos devem ser criados com disciplina, priorizando a ética e a moral, a igualdade e o respeito. Tendo muita afetividade, abraça sua filha, adverte dialogando e respeitando disciplinarmente. O Vigia A diz que “[...] o afeto, como pai ambos devem receber os mesmos cuidados e atenção. Mas devido à forma cultural, o pai estabelece mais contato com o filho homem, com as atividades masculinas, pesca esportes. E sobre as questões íntimas a tendência é o diálogo com a mãe. No meu caso, eu converso tudo, mas de acordo com a idade e a mentalidade dela”.

A presença do pai é essencial na criação e no convívio familiar, assim como reforça o Vigia A: “[...] a liberdade é comentada com a criança de acordo com a maturidade, o grau de entendimento dela”. O teor da conversa varia de acordo com a maturidade da criança. No entanto, mesmo com a criação que teve com o pai, por ele ser fechado e rígido, o Vigia A tem seu pai como exemplo, era levado por ele para fazer as atividades culturais masculinas, plantar, colher, entre outras coisas. A educação o tornou honesto humilde e de bom coração por meio de “castigos” e advertências coercitivas para reeducar.

A diferença, a criação por meio de castigos ‘chibatadas’ [apanhava mesmo, para impor respeito, valor] e eu estou, criando a minha filha e nunca levantei a mão para minha filha, chamo atenção e corrijo ela com uma boa conversa, e mostrar a ela que com diálogo tudo pode ser resolvido (Vigia A, dados do caderno de campo, entrevista realizada no dia 9 de agosto de 2023).

O Vigia A consegue divergir e entender a forma de criação que teve para a que ele aplica e sabe o quanto são importantes, na sua concepção de pai e família, os conflitos e as variações culturais: “[...] a função do pai é de cuidar da família, ajudar nas despesas, nas relações, no companheirismo, cuidado, no amor, reciprocidade, o bom pai não despreza independente do temperamento e personalidade do filho”. O pai ensinando os filhos e as filhas a compreenderem o certo e o errado.

O posicionamento de um novo homem, mais sensato e preocupado com o futuro de sua filha, é notável até na sua postura durante a entrevista, pois apesar de toda a dificuldade na relação familiar, o pai tomou a iniciativa e objetivou novos caminhos, melhorando a convivência de todos.

O modelo de masculinidade para o novo homem estaria baseado na capacidade e possibilidade desse homem demonstrar seus sentimentos, de poder amar e se emocionar publicamente sem constrangimento, além de sensibilidade ao invés de agressividade, junto à capacidade de executar tarefas domésticas, maior participação na educação dos filhos, exercício de profissões antes consideradas femininas, admitindo inclusive ganhar menos do que sua companheira. No campo da sexualidade, a possibilidade de falhas no intercurso sexual seria compreensível, e, ao invés de dominador, o homem já admitia ser dominado, ao invés de ativo, ser passivo. Identidades sexuais alternativas, como a homossexual, a bissexual e a transexual, fariam parte das subjetividades masculinas contemporâneas. Finalmente, o machismo estaria deposto e as relações entre homens e mulheres tenderiam a melhorar (SILVA, 2006, p. 126-127).

Entretanto, a masculinidade contemporânea seria qualidade de uma pessoa que desperta o próprio afeto pelo próximo, com relações saudáveis e sensatas, de um homem com características agradáveis e fraternas. Na atitude do Vigia A com relação a toda a situação que está passando, o pai se sensibilizou e foi sensato. Há relações pacíficas, em que a união é sempre ponderada em um consenso, no qual o sujeito está disposto a sentar para conversar sem se prender a estereótipos, vivendo sem medo de errar e de mostrar seus sentimentos.

O Vigia B mora em Melancias, povoado de Magalhães de Almeida/MA, tem 36 anos, com escolaridade de nível médio completo, casado, com um filho e mora com a esposa. Os dados adquiridos partem de uma entrevista de *campus* realizada no dia 11 de agosto de 2023. O entrevistado foi receptivo e feliz com a gravidez planejada, mesmo apesar da responsabilidade, sem desanimar devido aos desafios da vida. Com apenas um filho, demonstrava a afetividade para com ele e a família como cita na resposta: “[...] a minha responsabilidade e o compromisso como pessoa, o ‘tornar-se pai’ é um título que te faz refletir, te faz ver a vida de uma forma diferente, nos faz colocar-se no lugar do outro e

buscar meios de nos tornar pessoas melhores a cada dia”. Além do mais, a união das famílias diverge do Vigia A, no qual a relação da família entra em conflitos por conta da gravidez não desejada.

Sempre tivemos uma boa relação, sempre fomos unidos, meus pais são exemplos como pessoa e isso é um grande alicerce para que você se torne uma pessoa que respeite e se comunique com todos sem discriminação, da mesma forma se reflète em minha família [esposa e filha] uma relação com diálogo para entender e respeitar o pensamento um do outro (Vigia B, dados do caderno de campo, entrevista realizada no dia 11 de agosto de 2023).

Desde o nascimento de seu filho, o Vigia B vem demonstrando a preocupação com o futuro “brilhante”, para que ele se torne um “grande homem”, ou seja, de caráter, respeitador e boa índole com seus descendentes. O entrevistado possui uma perspectiva contemporânea sobre a formação e a criação dos filhos, menino ou menina. “[...] ninguém é diferente, todos nós somos iguais. A mulher tem muitas dificuldades na nossa sociedade. Isso precisa ser arrancado da nossa cultura. Acredito que o caminho seja começar a educar nossos filhos cedo, não colocando limites para que envolva todos, educando com igualdade e sem discriminação. Todos devem ter uma educação respeitosa ponderada na ética e moral dos cidadãos”. A imagem de um novo homem refletido na capacidade de expressão dos seus próprios sentimentos:

As más ações masculinas são prejudiciais nas relações sociais e, conseqüentemente, na própria formação do indivíduo. A reprodução dos estereótipos cria um novo modelo de gênero masculino. Assim como demonstra Silva (2006), as mudanças de comportamentos e de atitudes dos homens são visíveis em todos os aspectos dentro do seu contexto social e o seu crescimento humano é lento.

Ambos os vigias possuem afetividade e são cuidadosos com os filhos. O Vigia B diz que: “O pai deve dar exemplo como pai e que a criação dos filhos seja menino ou menina” com carinho, atenção para uma educação saudável. “[...] quero ter essa relação com ela, quero que tenhamos um diálogo constante de pai e filho, mas sempre com respeito em suas escolhas e sua intimidade pessoal”. O pai já planeja uma educação viável, quer contribuir no crescimento de seu filho, vai ser presente e afirma “Se não estiver com ele, o mundo estará”. Preza e zela pelo futuro de seu filho, sendo mais atencioso afetivo e transmite mais confiança na relação. “O afeto deve ser presente na relação com seus filhos, não havendo exclusão na maneira de educar”.

Em tal situação, o camponês é levado a introjetar a imagem que os outros fazem dele, mesmo quando se trata de um mero estereótipo. Passa a perceber seu corpo como corpo cunhado pela impressão social, como corpo

empaysanit, rude, carregando o traço das atitudes e atividades associadas à vida camponesa. Em consequência, fica embaraçado em relação a seu corpo e em seu corpo. É por apreender seu corpo como corpo de camponês que tem dele uma consciência infeliz. É por apreender seu corpo como corpo rude que toma consciência de ser camponês rústico. Não é exagero presumir que a tomada de consciência de seu corpo é, para o camponês, a ocasião privilegiada da tomada de consciência da condição camponesa (BOURDIEU, 2006, p. 87).

Bourdieu (2006) ressalta que o camponês vive sob estereótipos que advêm de uma reprodução de costumes a caracteres que é interiorizada dentro do indivíduo que vive com os modelos sociais, sem reconhecer o seu real caráter e papel a tais modelos. O Vigia B enfatiza que independentemente de gênero, todos possuímos educação e direitos iguais, a uma identidade que seja livre de uma impressão social.

O Vigia B tem o pai como exemplo, pois não teve uma educação de castigos e coerção física como disciplina, assim como o Vigia A: “[...] *meu pai sempre foi um exemplo, nossa relação desde cedo foi de respeito e aprendizagem, por me ensinar a ser um filho obediente, me guiou a ser um adulto responsável e respeitador*”. Afirma o Vigia B que se tornou cidadão responsável e honesto com a educação que teve e pondera que a responsabilidade do filho é tanto da mãe quanto do pai, que a educação vem de casa. Diz ainda que uma relação saudável é fruto de uma boa convivência: “[...] *o pai precisa ser presente, precisa contribuir no desenvolvimento familiar dos seus filhos*”. Para que isso não aconteça, como diz o Vigia B: “*A função do pai seria ser exemplo e ser presente, na educação, no diálogo e mostrar o caminho melhor a ser seguido*”.

A entrevista do Motorista foi realizada no dia 12 de agosto de 2023. Ele é servidor público, mora no Porto de Melancias, próximo de Melancias, povoado de Magalhães de Almeida/MA. Convive com a esposa e o filho, tem 42 anos, possui o ensino médio completo e aos 22 anos se tornou pai. O Motorista é sempre direto e curto em suas respostas, demonstrando o quanto sua relação é fechada, ao contrário dos dois vigias, que buscam esclarecer as suas perspectivas e são mais afetivos com suas famílias. É possível perceber que o servidor, mesmo preso nas palavras, como pai busca dar educação e um bom futuro ao filho e à família e diz ser presente em tudo. “[...] *sim, aconselho direto que seja um grande profissional*”.

Além das características que são empoderadas no convívio social do homem, as premissas de valores, deveres e responsabilidades são colocadas sobre o domínio do indivíduo, despertando desejos e necessidades de poder na posse das relações sociais, dificultando ainda mais a socialização entre os gêneros. Nos exemplos das famílias, na relação

entre pai e filho aderindo aos estereótipos, o indivíduo sofre alterações devido à pressão da qual ele é refém. Na entrevista com o Motorista, é visível a falta de diálogo, o quanto ele é direto e inflexível nas palavras durante o questionário, com o posicionamento do entrevistado sempre parado, sem gesticular, com fortes traços da neutralidade dos seus sentimentos com postura de autoridade.

Na busca desesperada pela afirmação da masculinidade, procura declarar a sua independência ao feminino. Distancia-se da qualidade de homem comunicador dos seus sentimentos e emoções, pensando estar se livrando do estigma de ‘homem efeminado’ ou ‘homem mole’. A paternidade parece ser um exemplo emblemático nos casos em que a identidade do Pai é construída por um homem severo e inflexível (SANTOS, 2010. p. 63).

Essa busca pela legitimidade masculina mencionada por Santos (2010) distancia o homem de seus próprios valores. O papel de pai imposto ao homem na sociedade advém das sujeições que lhe são aferidas. Os comportamentos, as atitudes e as ações dentro das relações, todos condicionam ao que dizem ser “senso comum”, uma noção de pensamento que parte de um conjunto de ideias comuns de grupos, com base em experiências adquiridas de geração em geração, uma limitação voltada aos pensamentos tradicionais.

O Professor foi o quarto entrevistado. Por não logarmos êxitos nos encontros, a entrevista foi realizada *on-line*, pelo Google Meet no dia 18 de agosto de 2023, às 18 horas. Mora em Bacuri, povoado de Magalhães de Almeida. Possui escolaridade de nível superior, é casado, tem 31 anos, tornou-se pai aos 25 anos de modo planejado. “*Significa um sonho realizado. Além disso, uma grande responsabilidade de cuidar e educar uma criança*”, “*Sim. Ficou bastante feliz com a gravidez*”, “*Sim. Sempre sonhei em ser pai um dia*”. A gravidez foi planejada, sentou com a esposa e decidiram, mas houve muitas mudanças com a chegada de sua filha, assim como ressalta o professor: “*A mudança na nossa rotina do dia-a-dia. Além disso, as responsabilidades e prioridades mudaram com a chegada da nossa filha*”.

O pai é muito sensato e sensível ao responder as perguntas. É perceptível o seu comprometimento tanto como pai quanto como pessoa. Vibra ao falar da sua relação com sua filha, amoroso, atencioso, afetivo: “[...] *todos somos unidos em prol da família*”. Conversa sempre com sua filha sobre comportamentos e responsabilidades, almejando um futuro promissor.

Que ela seja uma cidadã de bem, responsável e estudante para que tenha autonomia na vida [não acha que a filha tenha que depender do marido, se dedicando exclusivamente às tarefas domésticas, mas deseja que ela estude e tenha uma profissão](O professor, dados do caderno de campo, entrevista realizada no dia 18 de agosto de 2023).

É visível que os homens integrados ao papel de pai atualmente possuem pensamentos contemporâneos. Mesmo com a criação arraigada e dura, o professor está sempre reflexivo diante dos questionamentos e independentemente do “sexo” da criança, o carinho e a atenção é para todos. Importante destacar que o Professor não teve contato com o pai: “[...] *não tive relação com meu pai, pois o mesmo é ausente*”. O pai foi embora em sua infância, quando tinha 1 ano, e até hoje não o vê.

Bourdieu (2006) aponta a homogeneidade perfilada dos camponeses, que incorpora características interiorizadas dentro dos costumes do período. A reprodução de uma imagem que se assemelha às submissões dos homens na atualidade, que para ser homem tem de seguir um modelo estabelecido na sociedade, de um homem “macho”. Assim como o camponês, o homem passa a perceber as suas características sendo domadas pelos estereótipos e pelas ideologias comuns. O papel imposto ao homem é consistência de uma imagem proporcionada pela sua fisionomia e por sua bagagem cultural. De que sua virilidade seja imune aos sentimentos, dono de si e de todos.

As normas culturais que regem a expressão dos sentimentos contribuem para dificultar o diálogo. Por exemplo, o afeto entre pais e crianças exprime-se muito mais por atitudes e gestos concretos que por palavras. ‘Antigamente, quando ainda se colhia com foice, os ceifeiros avançavam em fileiras. Meu pai, que trabalhava ao meu lado, quando via que eu estava exausto, colhia na minha frente, sem dizer nada, para me aliviar’. Não faz muito tempo, pai e filho passavam por certo desconforto ao se verem juntos em um café, sem dúvida porque podia ser o caso de alguém contar histórias despidoras na presença deles ou de tocar em assuntos licenciosos, o que causava, em ambos, um desconforto insuportável. O mesmo pudor dominava as relações entre irmãos e irmãs. Tudo que é da ordem da intimidade, da ‘natureza’, é banido das conversas. Mesmo que o camponês goste de contar ou de ouvir as anedotas mais picantes, ele é extremamente discreto em relação a sua própria vida sexual e, sobretudo, afetiva (BOURDIEU, 2006, p. 88).

Apesar da exigência da obstrução dos sentimentos, do medo de demonstrar o que sente, do carinho que vem sendo preso dentro da ignorância da masculinidade em situações familiares, é perceptível a preocupação dos pais para como os filhos.

O professor foi criado apenas pela mãe, não teve a participação do pai, mas mesmo assim se tornou uma pessoa de caráter e um exemplo dentro de casa. Sustenta uma família, busca partilhar tudo o que não teve de um pai para o filho. E ressalta que “a falta de tempo” interfere muito na relação de sua filha, pois o pai trabalha e estuda. Afirma o entrevistado “*Sempre podemos mudar de maneira positiva na relação como nossos filhos. Mudaria a intensidade de demonstração de amor com a minha filha, seria mais amoroso com ela[esse*

mesmo pensamento parte de uma criação que teve, que aumentaria o amor e a amizade com a mãe]”.

O Barbeiro é o quinto entrevistado, entrevista esta que foi realizada dia 20 de agosto de 2023. Hoje ele tem 50 anos, é casado, mora na cidade de Magalhães de Almeida e tem o ensino médio. Começou a vida de adulto cedo, aos 17 anos se tornou pai, em seguida teve outro, agora tem cinco filhos, sendo três meninos e duas meninas. Ressalta que o amor que tem é por todos “[...] *amar, educar, ajudar e respeitar*”. Relata a felicidade da chegada do primeiro filho, a notícia da gravidez, pois “[...] *ser pai era um sonho*”. As mudanças foram inevitáveis, mas suportáveis.

O Barbeiro é um homem de poucas palavras, mas sempre sensato, uma pessoa afetiva, alegre com os familiares, amigos e principalmente com os filhos. Atualmente o entrevistado é avô, então é uma perspectiva de três papéis em uma pessoa (homem, pai e avô). Diz ser participativo: “*Todas as atividades diárias são bons, momentos de lazer*”. Com uma relação dialogada, sempre buscando o crescimento para seus filhos, está presente em tudo “*Sim. Participo ativamente na vida de todos*”. Deseja que sejam pessoas boas e boas profissionais e tem como exemplo o pai, que não está mais presente, mas o educou: “*Aqui na terra, meu pai, por seu caráter e dignidade*”.

O entrevistado Barbeiro se posiciona de forma prudente em suas respostas curtas, assim como o Motorista, mas com posicionamento diferente. Apesar das respostas diretas, era perceptível o sentimento e a afetividade em suas expressões e comportamento. Embora o convívio familiar perdurasse por muitos anos, a intimidade sempre é separada pela timidez, sentimento de vergonha, por uma sensação de mal-estar que é provocado por algo que seja fora dos padrões estabelecidos, algo contrário aos bons costumes. Assim como a vida do camponês de Bourdieu (2006), são limitadas as “*inocências*” quando os sentimentos e os comportamentos são resultados de uma educação severa, naturalmente banalizada por um fator cultural. Por seguir o modelo rústico, o homem acaba se portando indelicadamente e sendo grosseiro, conseqüentemente o campônio tem extrema dificuldade em se expressar dentro e fora das relações sociais, em família, nas rodas de amigos, no trabalho e em suas relações amorosas no convívio familiar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi empenhado sobre uma pauta preliminar de uma análise particular e pessoal. Desde o entendimento como homem, é despertado o interesse em

adentrar nas relações masculinas de forma que abarcasse os questionamentos. No entanto, foi afinando as interrogações para o objetivo da pesquisa. Pensando as *performances* e os comportamentos masculinos a partir da relação paterna, como pai e filho se relacionam.

No início do trabalho de conclusão de curso, foram propostos problemas frequentes com relação à sociabilidade masculina, abarcando todo o âmbito do homem, mas ainda estava muito disperso. Com a orientação da professora Amanda Pereira Gomes, houve uma flexibilização e uma ajuda para restringir o material, tornando propício o desenvolvimento do objeto de pesquisa. A partir daí conseguimos construir um plano de trabalho, desenvolvendo as pesquisas e os questionamentos com conteúdos plausíveis sobre a masculinidade, destacando os problemas na sociabilidade masculina, buscando compreender as *performances* e objetivando discussões que possam suprir as necessidades e preencher as lacunas que impedem a relação masculina.

Por meio do questionário foi possível identificar que além dos problemas na sociabilidade masculina, o que pode prejudicar o crescimento e as *performances* do filho é sua dificuldade sobre a afetividade, as emoções, os sentimentos do homem na sociedade e no convívio familiar, bem como a falta de comunicação e afinidade entre pai e filho. O objetivo do encaminhamento do questionário foi conhecer a sociabilidade masculina, buscando entender o porquê de o homem se sentir tão inseguro com seu papel social, estando ciente das suas origens e objeções na sociedade. Por qual motivo ele sustenta uma imagem padrão, um estereótipo de uma projeção que aterroriza a própria comunidade masculina.

Estudando os comportamentos e *performances* de uma cidade no interior do Maranhão, a vivência de como o homem carrega esse modelo social, de um “homem do campo”. Buscando despertar o interesse sobre a questão masculina e os pensamentos críticos sobre. Dessa forma, ressaltar a discriminação e a insegurança do próprio homem no estabelecimento e construção de suas relações afetivas e privadas, questionando a pretensa liberdade masculina em suas experiências subjetivas, ligadas à sua sexualidade e afetos. Assim, este estudo se dedica a compreender como os parâmetros que definem comportamentos e práticas masculinas, a partir de uma cultura entre os gêneros, reverberam em distintas realidades sociais, modificando conceitos sobre paternidade e demonstrando o quanto os homens, como agentes, respondem de forma violenta e irracional em diferentes situações – principalmente com suas companheiras –, destacando as estruturas que perfazem o patriarcado e o sentimento de posse por parte desses homens

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. O camponês e seu corpo. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, p. 83-92, 2006.

BERALDO, Guilherme de Souza; TRINDADE, Ellika. Novos pais, novos homens? Paternidade e identidade masculina no contexto pós-moderno. *Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, v. 1, n. 2, 2016.

BOTTON, Fernando Bagiotto. As masculinidades em questão: uma perspectiva de construção teórica. *Revista Vernáculo*, n. 19-20, 2007.

CARVALHO, Romério. Cavalgada, na cidade de Magalhães de Almeida – (MA). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CIMsuU6PWvR/?igshid=YmMyMTA2M2Y>. Acesso em: 10 de Ago. 2022.

CENTRONE, Camila. Redação Maria Claire. Onde estão os pais no Brasil? O abandono paterno machuca milhares de crianças e mães solo. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/maes-e-filhos/noticia/2023/08/abandono-paterno-brasil-machuca-criancas-maes-solo.ghtml> Acesso em: 13 ago. 2023.

hooks, bell, (1952 – 2021). *A gente é da hora: homens negros e masculinidade*. Tradução de Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2022.

NOLASCO. Masculinidade: reflexões contemporâneas *In: Reflexões Líricas, Vozes/Cultura*, n.5, v. 87, p. 71-80, 1993. (SILVA. 2000)

SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. O modelo predominante de masculinidade em questão. *Rev. Pol. Públ*, São Luís, v. 14, n. 1, p.59-65, 2010.

SILVA, Sergio Gomes da. “A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista”. *Psicologia: ciência e profissão* 26 (2006): p. 118-131. Disponível em: <https://ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/magalhaes-de-almeida.html>. Acesso em: 19 de Set. 2022.

WC. drones/visuais. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cc1hItgMGT4/?igshid=MDJmNzVkMjY%3D> 2022. Acesso em: 17 de Set. 2022.

ANEXO

QUESTIONÁRIO PARA OS PAIS.

NOME:

GÊNERO: () masculino () feminino () não binário () não quis informar

IDADE:

COR/ RAÇA (SEGUIR DEFINIÇÃO DO IBGE PARA COLOCAR OPÇÕES)

ESTADO CIVIL: () solteiro () casado () separado () união afetiva () outros

OCUPAÇÃO:

QUESTOES SOBRE AFETIVIDADE PATERNA.

1. Como quem você mora? Você mora com seus filhos (as)?

VIGIA 'A'- Mora com os pais e com a filha (Guarda compartilhada)

VIGIA 'B'- Moro com minha esposa e meu filho.

MOTORISTA- Com minha esposa e meus filhos.

PROFESSOR- Moro com minha esposa e filha.

BARBEIRO - Minha Família

2. Se não, com que frequência você se encontra com eles?

VIGIA 'A'-

VIGIA 'B'-

MOTORISTA- Diariamente.

PROFESSOR-

BARBEIRO - Sim.

3. Com que idade você se tornou pai?

VIGIA 'A'- 21 ano de idade.

VIGIA 'B'- Aos 36 anos.

MOTORISTA- Com 22 anos.

PROFESSOR- Aos 25 anos

BARBEIRO - 17 anos.

4. Quantos filhos (as) você têm?

VIGIA 'A'- Uma filha, 9(nove) anos de idade.

VIGIA 'B'- Apenas uma filha.

MOTORISTA- Um filho.

PROFESSOR- Uma filha.

BARBEIRO - 5 filhos.

5. Para você, o que significa ser pai?

VIGIA 'A'- Ser pai, quando planejado é bom e feliz, caso contrário à uma preocupação com relação a situação, por ser pai sem planejamento, contudo, ambas, a responsabilidade, teste de paciência.

VIGIA 'B'- Uma responsabilidade muito grande, principalmente no sentido de ser exemplo como pessoa, nas incertezas do educar, para um futuro melhor, e nos desafios da vida atualmente.

MOTORISTA- Ser presente em tudo.

PROFESSOR- Significa um sonho realizado. Além disso, uma grande responsabilidade de cuidar e educar uma criança.

BARBEIRO - Amar, educar, cuidar e respeitar.

6. Como foi quando sua companheira, mãe do seu filho/a descobriu a gravidez, ficou feliz?

VIGIA 'A'- Ela não reagiu bem, ficou temerosa com o resultado, pois não estávamos mais juntos. Foi constrangedor para nós, por que ela surgiu grávida após o termino, houve suspeita, duvidas a respeito da gravidez, levou intrigas entre famílias, questões sociais, econômicas, personalidades e temperamentos das partes dificultaram no consenso.

VIGIA 'B'- Ficamos felizes, acredito que as maiorias das pessoas almejam ser pai/mãe um dia, pois um filho trás a proximidade com Deus e por consequencia o compromisso de se tornar uma pessoa melhor.

MOTORISTA- Sim.

PROFESSOR- Sim. Ficou bastante feliz com a gravidez.

BARBEIRO - Muito Feliz.

7. Ser pai era um sonho que tinha?

VIGIA 'A'- Não planejava ter filhos, pensava que podia tudo e não pensava nas consequencias.

VIGIA 'B'- Sim. Porque penso que as filhas são a continuidade de sua existência neste mundo é o espelho divino no criador na terra, dando significado ao amor que existe em você que é o próprio amor de Deus.

MOTORISTA- Sim.

PROFESSOR- Sim. Sempre sonhei em ser pai um dia.

BARBEIRO – Sim.

8. O que mudou com a chegada seus filhos?

VIGIA 'A'- A vida mudou “de cabeça para baixo”, mudanças de planos, viagem, realizações, independência, abri mão de tudo para esta perto, para cuidar. “O mundo não gira mais em torno do seu eu e sim do próximo, seu filho”.

VIGIA 'B'- A minha responsabilidade e o compromisso como pessoa, o “torna-se pai” é um título que te faz refletir, te faz ver a vida de uma forma diferente, nos faz colocar-se no lugar do outro e buscar meios de nos tornar pessoas melhores a cada dia.

MOTORISTA- Muitas coisas.

PROFESSOR- A mudança na nossa rotina do dia-a-dia. Além disso, as responsabilidades e prioridades mudaram com a chegada da nossa filha.

BARBEIRO - Muitas coisas.

9. Como é a sua relação com seu filho(a/os/as)?

VIGIA 'A'- Relação com a filha, maravilhosa, tem momentos que tem de ser “rígido”, pois o aprendizado que temos, em sermos amigos dos filhos, reconhecerem os limites e as condutas.

VIGIA 'B'- Até agora uma relação de cuidar. Cuidar para que se torne uma pessoa com responsabilidades, para isto é preciso começar cedo o compromisso de educar para o mundo atual.

MOTORISTA- Excelente.

PROFESSOR- É uma relação muito amorosa, procuro dá atenção e carinho sempre para minha filha.

BARBEIRO - Ótima.

10. Qual a sua relação com a sua família (pai/mãe; filhos/ filhas; esposa, companheira, outros)?

VIGIA 'A'- Relação familiar, é boa e sociável, toda família é necessário "liberdade" e principalmente o respeito.

VIGIA 'B'- Sempre tivemos uma boa relação, sempre fomos unidos, meus pais são exemplos como pessoa e isso é um grande alicerce para que você se torne uma pessoa que respeite e se comunique com todos sem discriminação, da mesma forma se reflete em minha família (esposa e filha) uma relação com diálogo para entender e respeitar o pensamento um do outro.

MOTORISTA- Ótima.

PROFESSOR- É uma relação harmoniosa, pois todos somos unidos em prol da família.

BARBEIRO - Boa.

11. O que mais gosta de fazer? Seu filho (a) tem momentos de lazer contigo? Se sim, quais?

VIGIA 'A'- Gosto de sair com minha filha, levar na praça, parquinhos. Ela ama tomar sorvete.

VIGIA 'B'- Ele ainda é muito novo. Mas quando crescer pretendo sim, ter momentos com ele, tirar o estresse da sua adolescência, o mundo atual exige muito dos jovens e para quebrar isto, o lazer é fundamental.

MOTORISTA- Jogar Bola.

PROFESSOR- Gosto de viajar. Sim, fazemos passeios e piqueniques juntos.

BARBEIRO - Todas as atividades diárias são bons, momentos de lazer.

12. Costuma aconselhar seus filhos? Direto ou indiretamente? Se sim, sobre o que exatamente vocês conversam?

VIGIA 'A'- Conciliamento é uma ação contínua, para estabelecer uma conduta e disciplina, pois tudo tem uma consequencia, cuidados com o corpo, decisões, a

maneira de falar, educação, discernir o bom e o mau para ser uma adulta centralizada.

VIGIA 'B'- Ainda não, porque ele é novo, mas chegará o dia, pois aconselhar é importante nos dias atuais, assim como o ensinar, ser exemplo. Se você não ensinar o mundo vai ensinar da pior forma.

MOTORISTA- Sim. Aconselho direito.

PROFESSOR- Sim. Aconselho diretamente, sobre comportamento e responsabilidade.

BARBEIRO - Sobre tudo.

13. O que você espera de seus filhos?

VIGIA 'A'- Uma mulher honesta seja uma cidadã, conhecedora de seus direitos, moral, conduta ética e que não seja alienada.

VIGIA 'B'- Espero que ele se torne um grande homem, que estudo, seja responsável, respeitador, tenha compromissos como cidadão, seja um grande profissional e tenha Deus acima de tudo para guiar a sua vida.

MOTORISTA- Que seja uma grande profissional.

PROFESSOR- Que ela seja uma cidadã de bem, responsável e estudente para que tenha autonomia na vida.

BARBEIRO - Que continuem sendo pessoas do bem.

14. Você acha que as meninas devem ser criadas de modo diferente dos meninos? Como?

VIGIA 'A'- Todos devem ser criados juntos, com a mesma conduta moral e ética, com disciplina, respeito, igualdade, honestidade, todos os valores que são vinculados a questão humana.

VIGIA 'B'- Ninguém é diferente, todos nós somos iguais. As mulheres tem muitas dificuldades na nossa sociedade. Isso precisa ser arrancado da nossa cultura. Acredito que o caminho seja começar a educar nossos filhos cedo, não colocando limites para que envolva todos, educando com igualdade e sem discriminação.

MOTORISTA- Acho que sim.

PROFESSOR- Não. Penso que, tanto as meninas como os meninos merecem carinho e atenção de forma igual.

BARBEIRO - Não.

15. Você costuma abraçar seus filhos e filhas?

VIGIA 'A'- Abraço muito minha filha, todos os dias e uso a disciplina como advertência.

VIGIA 'B'- Sim. O abraço não pode faltar em uma relação de pai e filho. Se você como pia não pretende ser exemplo ao educar, comece pelo afeto, o abraço é o primeiro para isso.

MOTORISTA- Sim.

PROFESSOR- Sim. Sempre abraço minha filha, ela se sente amada por mim quando abraço ela.

BARBEIRO – Sim.

16. Sua relação é diferente em se tratando das suas filhas mulheres? Demonstra mais afeto?

VIGIA 'A'- Afeto, como pai ambos devem receber os mesmos cuidados e atenção. Mas devido a forma cultural, o pai estabelece mais contato com o filho homem, com as atividades masculinas, pesca, esportes. E sobre as questões íntimas a tendência é o diálogo com a mãe. No meu caso eu converso tudo, mas de acordo com a idade e a mentalidade dela.

VIGIA 'B'- A relação deve ser igual. O afeto deve ser presente na relação com seus filhos, não havendo exclusão na maneira de educar.

MOTORISTA- Não tenho filhas.

PROFESSOR-

BARBEIRO - Não.

17. Você e seu filho/a têm liberdade um com outro, costumam conversar sobre tudo?

VIGIA 'A'- A liberdade é comentada coma criança de acordo com a maturidade, o grau de entendimento dela.

VIGIA 'B'- Quero ter essa relação com ele, quero que tenhamos um diálogo constante de pai e filho, mas sempre com respeito em suas escolhas e sua intimidade pessoal.

MOTORISTA- Sim.

PROFESSOR- Sim. Sempre converso com minha filha sobre diferentes assuntos. Tais como: Escola; Amizades e brincadeiras.

BARBEIRO - Sim.

18. Considera-se um pai presente? Por quê?

VIGIA 'A'- Pai presente, com certeza. Porque convivo diretamente com minha filha.

VIGIA 'B'- Vou ser sempre presente. O pai precisa ser presente, precisa contribuir no desenvolvimento familiar do seu filho, se não estiver com ele, o mundo estará.

MOTORISTA- Sim, tudo meu filho me fala.

PROFESSOR- Sim. Porque participo com efetividade da vida da minha filha.

BARBEIRO - Sim, participo ativamente na vida de todos.

19. O que falta na sua relação com seu filho/a?

VIGIA 'A'- Pai e filha não falta nada.

VIGIA 'B'- Não pode faltar afeto e confiança em uma relação, o respeito enfim. Buscarei constantemente colocar em nossa relação, quando ele estiver consciência de sua humanidade.

MOTORISTA- Nada. Nós temos uma boa relação.

PROFESSOR- Acredito que falta tempo para melhorar ainda mais a minha relação com minha filha, pois atualmente trabalho e estudo.

BARBEIRO - Nada.

20. Como foi a sua relação com o seu pai na infância?

VIGIA 'A'- Pai é pai, sempre foi muito boa, levava para fazer as atividades culturais masculinas. Meu pai é meu maior exemplo.

VIGIA 'B'- Meu pai sempre foi um exemplo, nossa relação desde cedo foi de respeito e aprendizagem, por me ensinar a ser um filho obediente, me giou a ser um adulto responsável e respeitador.

MOTORISTA- Boa.

PROFESSOR- Não tive relação com meu pai, pois o mesmo é ausente.

BARBEIRO - Maravilhosa.

21. Quem é seu maior exemplo? Por quê?

VIGIA 'A'- Exemplo, é o próprio pai é um cara honesto, humilde, de coração muito bom, pela forma de criação, ele é muito fechado, muito rígido, mas porém ajudou no caráter dos seus filhos.

VIGIA 'B'- Meu pai e minha mãe forma meus exemplos, minhas referências, pois me tornaram um cidadão responsável e honesto.

MOTORISTA- Meu pai, porque me ensinou o certo e o errado.

PROFESSOR- Minha mãe. Porque ela me criou e educou sozinha.

BARBEIRO - Aqui na terra, meu pai. Por seu carácter e dignidade.

22. Ver mudanças na criação dos filhos/as nos últimos tempo?

VIGIA 'A'- A diferença, a criação por meio de castigos "chibatadas", (apanhava mesmo, para impor respeito, valor) e eu estou criando a minha filha e nunca levantei a mão para minha filha, chamo atenção e corrijo ela com uma boa conversa, e mostrar a ela que com diálogo tudo pode ser resolvido.

VIGIA 'B'- 22 A criação dos filhos atualmente vem sendo afetada pela tecnologia, e os pais tem que ter esse cuidado, a globalização ensinam o que os pais tem receios de colocar na educação dos filhos. As drogas, a prostituição por exemplos. Cabe a família manter essa relação de cuidado redobrado nos dias atuais.

MOTORISTA- Sim.

PROFESSOR- Sim. Podemos perceber que atualmente a criação e educação dos filhos estão cada vez mais difícil. Observamos a falta de disciplina e respeito dos filhos, devido a uma cultura de falta imposição por parte das famílias de hoje.

BARBEIRO – Não.

23. Acho que o cuidado das crianças é responsabilidade unicamente das mulheres?

VIGIA 'A'- Hoje não é mais a família tradicional onde a mãe, pai e filho. trata-se de um pai solteiro, mãe solteira, filhos com avós, casais homossexuais adotando filhos, uma diversidade familiar, criações rígidas, criações livres. Responsabilidade do pai e mãe, mas a questão cultural e tradicional, diz que as dificuldades familiares, econômicas, que a criação é da mãe e o pai é o responsável pelo trabalho pesado e o sustento da família.

VIGIA 'B'- Responsabilidade da família na pessoa como pai e a mãe, A educação começa em casa e a família é o primeiro exemplo para as crianças, e o pai assim como a mãe tem a responsabilidade.

MOTORISTA- Não. Tem que ser dos dois.

PROFESSOR- Não. De maneira nenhuma, pois a responsabilidade tem que ser dividida entre a mãe e o pai da criança.

BARBEIRO – Não.

24. Qual é a função do pai? Para você, o que definiria um bom pai?

VIGIA 'A'- A função do pai é de cuidar da família, ajudar nas despesas, nas relações, no companheirismo, cuidado, no amor, reciprocidade, o bom pai não despreza independente do temperamento e personalidade do filho.

VIGIA 'B'- A função do pai seria ser exemplo e ser presente, na educação, no diálogo e mostrar o caminho melhor a ser seguido.

MOTORISTA- Ser sempre presente em tudo.

PROFESSOR- Sustentar os filhos, dar educação, amor, ensinar sobre responsabilidades e autonomia.

BARBEIRO - Aquele que ama, educa, cuida e respeito.

25. O que mudaria na relação com seus filhos/as?

VIGIA 'A'- Não mudaria nada, so acrescentaria a disciplina, o respeito e o amor, o pai ensinando os filhos e filhas a compreender o certo e o errado.

VIGIA 'B'- 25 A relação de pai e filho tem que ser de mais aproximação, afeto e aprendizagem, você tem que ser exemplo como pai.

MOTORISTA- Atualmente nada.

PROFESSOR- Sempre podemos mudar de maneira positiva na relação como nossos filhos.

BARBEIRO - Nada.

26. O que mudaria na relação com seus pais?

VIGIA 'A'- Com meus pais, de forma adulta, não mudaria nada, reconheço o esforço de minha mãe e de meu pai com os seus filhos, assim espero o mesmo de minha filha.

VIGIA 'B'- Mudaria nada, temos uma boa relação, eles sempre são exemplos, dialogamos sempre com respeito dando espaço um para o outro.

MOTORISTA- Nada.

PROFESSOR- Sempre podemos melhorar e mudar na nossa relação com nossa mãe ou pai, mudaria a intensidade de amor e amizade com minha mãe, seria mais amigo dela e demonstraria mais o amor pela minha mãe.

BARBEIRO - Nada.

27. Mais algum ponto que queira mencionar?

VIGIA 'A'-

VIGIA 'B'- A família deve ter como base a presença de Deus, ele é o maior exemplo todo, os outros princípios fundamentais, são adquiridos quando sua base familiar crescer respeitando os princípios do ser maior, assim será uma família sólida.

MOTORISTA- Não.

PROFESSOR- No meu ponto de vista, a paternidade é benção de Deus, e que devemos nos doar ao máximo para que nossos filhos cresçam e sejam cidadãos de bem e contribuam para melhorar a nossa sociedade.

BARBEIRO - Não.

AGRADEÇO PELA ENTREVISTA